

A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I61 A interlocução de saberes na antropologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-375-0

DOI 10.22533/at.ed.750201109

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste segundo Volume de “A Interlocução de Saberes na Antropologia” foram selecionados 18 artigos, o dobro do primeiro Volume, publicado em 2019. A intenção é ampliar o debate acadêmico por meio da divulgação dos resultados da pesquisa antropológica. Assim como no primeiro Volume, esta publicação mantém a característica crítica e direta que é a marca esta coletânea.

Os artigos trazem possibilidades diversas, discutindo dentro do viés antropológico, temáticas relativas aos saúde e povos indígenas, cultura, resistência negra e quilombos. Os artigos debatem seus objetos dialogando intensamente com o leitor, provocando, instigando a inquietação diante os resultados apresentados.

Ainda, temas como ciências da computação, processo judiciais, globalização, mudança no hábito alimentar e assédio sexual também são intensamente discutidos. É uma obra que precisa ser divulgada e referenciada.

Convido a navegarem pelo índice e desfrutarem do prazer desta leitura.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ANTROPOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.7502011091	
CAPÍTULO 2	26
A FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE GESTORES NO CAMPO DA SAÚDE INDÍGENA	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
Ana Paula Barbosa Alves	
Ariosmar Mendes Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011092	
CAPÍTULO 3	40
ANTROPOLOGIA NAS PERÍCIAS: APROPRIAÇÕES DA PESQUISA ANTROPOLÓGICA NO ÂMBITO DE PROCESSOS JUDICIAIS	
Cíntia Beatriz Müller	
DOI 10.22533/at.ed.7502011093	
CAPÍTULO 4	51
ASSÉDIO SEXUAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS E O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL: A LEI Nº 13.718/2018	
Ester Rocha de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011094	
CAPÍTULO 5	63
CAIXA DE COMENTÁRIOS DOS JORNAIS ONLINE DE MATO GROSSO DO SUL: OPINIÕES EXPRESSAS A RESPEITO DOS POVOS INDÍGENAS	
Gabriel dos Santos Landa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011095	
CAPÍTULO 6	76
COMUNIDADES TRADICIONAIS E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA NO SUL DO AMAZONAS	
Cloves Farias Pereira	
Thereza Cristina Menezes Cardoso	
Suzy Cristina Pedroza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7502011096	
CAPÍTULO 7	89
CURSO DE GESTÃO EM SAÚDE COLETIVA INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Paula Barbosa Alves	
DOI 10.22533/at.ed.7502011097	

CAPÍTULO 8.....	104
DA NARRATIVA DE VIAGEM À NARRATIVA ETNOGRÁFICA: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A AUTORIDADE CIENTÍFICA	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011098	
CAPÍTULO 9.....	117
ECONOMIA, CONSUMO E ESCASSEZ DE RECURSOS NATURAIS: OS DESAFIOS DO MUNDO GLOBALIZADO	
Ariosmar Mendes Barbosa	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.7502011099	
CAPÍTULO 10.....	130
HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE ORIGEM ALEMÃ DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC	
José Raul Staub	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110910	
CAPÍTULO 11.....	145
NOVAS CENTRALIDADES, NOVAS PERIFERIAS: NARRATIVAS DE FUGA NA FRONTEIRA ENTRE TERRITÓRIOS DA ZONA OESTE DE MONTEVIDÉU	
Romina Pedreira Cabrera	
Valeria Giménez Carratú	
DOI 10.22533/at.ed.75020110911	
CAPÍTULO 12.....	161
O CONCEITO DE CULTURA EM FOCO	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110912	
CAPÍTULO 13.....	168
O HOME CARE DECIDIDO PELOS TRIBUNAIS: OUTRAS FACES E DILEMAS DA JUDICIALIZAÇÃO DA SAÚDE	
Lúisa Paim Martins	
Leonardo do Amaral Pedrete	
DOI 10.22533/at.ed.75020110913	
CAPÍTULO 14.....	183
O IMPÉRIO DOS SIMULACROS E A COMIDA “FRANKENSTEIN”... TEM “GOSTO”, “CHEIRO” E “COR” DE FRUTA, MAS NÃO É FRUTA – UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DOS SENTIDOS DO ATO ALIMENTAR	
Sophia Sartini Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.75020110914	

CAPÍTULO 15.....	204
OUTROS OLHARES SOBRE OS OUTROS: A PRESENÇA INCÔMODA DOS CORPOS MODIFICADOS EM <i>BLOGS</i> Juliana Abonizio DOI 10.22533/at.ed.75020110915	
CAPÍTULO 16.....	211
PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA NA REGIÃO DO MARUANUM/AP: EM BUSCA DE SABERES ANCESTRAIS Jamile Borges da Silva Tayra Fonseca Rezende DOI 10.22533/at.ed.75020110916	
CAPÍTULO 17.....	222
REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A NARRATIVA SUBALTERNA Adriana Elisa Bozzetto DOI 10.22533/at.ed.75020110917	
CAPÍTULO 18.....	229
RITUAL DE TOBÓSSIS: BANCADA, BARCO E INICIAÇÃO DAS PRINCESAS AFRICANAS Tayná do Socorro da Silva Lima DOI 10.22533/at.ed.75020110918	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	263
ÍNDICE REMISSIVO.....	264

CAPÍTULO 5

CAIXA DE COMENTÁRIOS DOS JORNAIS ONLINE DE MATO GROSSO DO SUL: OPINIÕES EXPRESSAS A RESPEITO DOS POVOS INDÍGENAS

Data de aceite: 24/08/2020

Data de submissão: 25/05/2020

Gabriel dos Santos Landa

UFGD

Campo Grande - MS

<http://lattes.cnpq.br/1812907904300752>

Artigo publicado originalmente nos anais da XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, 22 a 25 de julho de 2019, Porto Alegre - RS.

RESUMO: O trabalho tem como principal objetivo analisar comentários sobre conflitos por terras no MS, porém não se restringindo a este tema, pois publicações diversas nestes portais envolvendo os povos indígenas na região, se tornam fonte de diversos comentários preconceituosos, publicados pelos internautas em questão. A metodologia utilizada foi uma análise de diversos materiais publicados pelos sites de notícias mais acessados da região sul do estado de MS. O objetivo de tal estudo é identificar como tanto a mídia do MS, como a população local, percebem as populações indígenas, como estes constroem a imagem sobre estes povos em seus discursos, e como tais preconceitos inseridos quase que culturalmente na região, podem ser percebidos nas caixas de comentários das matérias jornalísticas publicadas nos veículos online da região.

PALAVRAS - CHAVE: Povos Indígenas, Digital,

Tecnologia.

COMMENT BOX OF ONLINE JOURNALS IN MATO GROSSO DO SUL: OPINIONS ABOUT THE NATIVES

ABSTRACT: The main objective of this paper is to analyze comments on conflicts over land in Mato Grosso do Sul, but not being restricted to this theme, since several publications in these portals involving indigenous peoples in the region, become the source of several prejudiced comments, published by the internet users. The methodology used was an analysis of several materials published by the most accessed news sites in the southern region of the state of MS. The objective of this study is to identify how both the MS media, as well as the local population, perceive indigenous populations, how they build the image about these peoples in the region and how this can be perceived in the comment boxes of the journalistic articles published on online vehicles in the region.

KEYWORDS: Natives, Digitas, technologies.

INTRODUÇÃO

O atual estudo possui como principal objetivo, analisar as fronteiras sociais criadas, e reproduzidas pela mídia online da região sul do estado de Mato Grosso do Sul, em relação aos conflitos por terras, e os indígenas que habitam atualmente esta região e os seus antagonistas históricos, os proprietários de terra.

Ao longo da pesquisa foram analisadas

as publicações e temas jornalísticos que receberam mais destaque pelos veículos de comunicação online. Atenção especial será dada a duas questões que se inter-relacionam: à relação entre as populações indígenas e os proprietários rurais, e como o conflito pela questão territorial existente foi representada nos periódicos da região.

Os meios de comunicação de massa são antes de tudo, formadores de opinião. Por muitas vezes recebem influências de poderes dominantes, como a elite econômica, e isto faz com que acabem formando a opinião pública a partir destes condicionantes, que neste caso são os interesses econômicos e políticos dominantes da região.

Busco identificar como estas situações influenciam no modo como os jornais online, noticiam os conflitos por terras e como a população se manifesta nos comentários dos sites, como mídia e opinião pública percebem o conflito por terras na região sul do MS, assim como sua relação com os dois lados da disputa.

Atualmente, o Mato Grosso do Sul, possui a segunda maior população indígena do país, segundo dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), são 73.295 pessoas das etnias Guarani-Ñandeva, Guarani-Kaiowá, Terena, Kadiwéu, Kinikinau, Guató, Ofaié e Kamba, ficando atrás apenas do Amazonas, que reúne 168.680 indígenas (IBGE, 2010), porém, este fato tem baixa relevância na região, seja por parte da população em geral, políticos, etc.

Segundo Antônio Brand (2004), as reservas indígenas foram criadas no Brasil pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) entre os anos de 1915 e 1928, e juntas conformam 18124 hectares que seriam distribuídos para uso dos Kaiowá e Guarani da região do atual MS. O historiador também esclarece que os confinamentos e a transferência forçada para as reservas, acabou prejudicando as populações de diversas maneiras.

O confinamento prejudicou os indígenas de diversas maneiras, pois, sejam organizações sociais, políticas ou religiosas, todas sofreram fortes impactos negativos.

Os costumes tradicionais destes povos são interligados diretamente com as suas terras de origem Ainda hoje essas populações sofrem com essa forçada alteração culturais e modos de vida. Os indígenas foram retirados de suas terras no MS (na época ainda Mato Grosso) principalmente a partir dos anos 50. Suas terras foram ocupadas pela agricultura, principalmente para o desenvolvimento da monocultura de soja.

Entre os anos de 1915 e 1928, o Governo Federal demarcou oito pequenas extensões de terra para usufruto dos Kaiowá e Guarani, perfazendo um total de 18.124 ha, com o objetivo de confinar os diversos núcleos populacionais dispersos em amplo território ao sul do atual Estado de Mato Grosso do Sul. Essas reservas,

demarcadas sob a orientação do Serviço de Proteção aos Índios, SPI, constituíram importante estratégia governamental de liberação de terras para a colonização e conseqüente submissão da população indígena aos projetos de ocupação e exploração dos recursos naturais por frentes não-indígenas. Ignorou-se, na sua implementação, os padrões indígenas de relacionamento com o território e seus recursos naturais e, principalmente, a sua organização social. (BRAND, 1994, p. 138).

Deslocadas de sua base territorial, elas se viram constringidas a se territorializarem no interior das oito pequenas reservas indígenas demarcadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), entre as décadas de 1915 e 1928. Nas décadas seguintes, essas reservas se constituíram em espaço de recolhimento das comunidades que perderam suas terras tradicionais, fenômeno para o qual o historiador Antônio Brand cunhou o termo “confinamento” territorial (Brand, 2007), que passou a ser utilizado pela maior parte dos estudiosos do processo histórico recente destas comunidades. No início da ocupação agropastoril foi frequente a dispersão de famílias indígenas de várias comunidades por fazendas em fase de instalação, período regionalmente denominada de “abertura das fazendas”, quando indígenas foram incorporados como mão-de-obra temporária ou na condição de agregados de fazendas². Concluída a instalação das fazendas, a mão-de-obra indígena se tornou dispensável, e a maior parte das famílias que viviam nas fazendas tinham apenas dois destinos possíveis: se recolher nas reservas demarcadas ou passar a morar na periferia dos núcleos urbanos que surgiram na região. (PEREIRA, 2010, p.117.)

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi a análise dos jornais online da região sul de MS. Foram investigadas principalmente as notícias e comentários que possuíssem relação direta com o tema e que mostrassem relevância para com a proposta, seja com notícias que explicitam o posicionamento dos jornais ou falas de internautas que representem o posicionamento de um grupo.

A MÍDIA NO MATO GROSSO DO SUL

A realização desta pesquisa é justificada pela busca em ampliar os estudos sobre a representação dos conflitos agrários entre fazendeiros e indígenas na mídia de MS. Busca-se entender como isto influencia a cultura local e o posicionamento das pessoas sobre determinado tema, e igualmente verificar quais são os fatores sociais, culturais e econômicos que justificariam estas abordagens, o que pode influenciar na forma em que um grupo passa a ser representado na imprensa. Tal representação nos meios de comunicação de massa tem o poder de moldar a opinião pública sobre determinado grupo social.

... a representação situa-se sempre: 1) na articulação do individual e do social; 2) em três campos de investigação: o do conhecimento – uma representação é um saber que não duvida de si mesmo; o do valor – uma representação não é apenas um saber que alguém a ele adere por considerá-lo inteiramente verdadeiro e bom: é uma avaliação; o da ação – uma representação não é redutível a seus aspectos cognitivos e avaliativos: simultaneamente expressiva e construtiva do social, consiste não somente num meio de conhecimento, mas em instrumento de ação. (LAPLANTINE, 2001, p. 241).

Não é difícil encontrar casos de grupos hostilizados ou representados de forma negativa tanto na imprensa quanto em registros oficiais dos governos. No Mato Grosso do Sul os grupos indígenas sempre foram considerados selvagens, inferiores, obtusos, etc. Ao criarem as reservas, no início do século passado, as populações indígenas não tiveram nenhum poder de argumentação sobre a forma como seriam realizadas as políticas públicas de confinamento, mobilizações para outras regiões, etc. Os conflitos por terras ocorrem em diversas regiões do estado, o que inevitavelmente influencia a opinião pública local e atrai a atenção dos jornais do MS. Devido a isto, ao longo do texto, buscar-se-á responder como os jornais online do sul do estado se posicionam em relação aos conflitos agrários. “... embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam” (LIMBERTI, 2012, p. 46).

Visando compreender, como a mídia influencia na opinião pública e na cultura de um local ou país, o autor Castells afirma que a comunicação de massa molda a cultura e a forma como a sociedade percebe a realidade. Ou seja, a percepção pública sobre determinado assunto pode ser moldado pelos meios de comunicação de massa.

[...] a comunicação, decididamente, molda a cultura porque, como afirma Postman, “ nós não vemos ... a realidade ... como “ela” é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura.” Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo.” (1999, p.414)

Para Braga e Campos (2011), a identidade indígena que a mídia apresenta é associada ao lugar do subalterno, silenciado, cuja característica aproxima-o de um sujeito menos humano, o que consiste em um processo de naturalização da desigualdade: “A identidade social do indígena que circula nos veículos de mídia é construída segundo formas impessoais e opacas, formando cidadãos de segunda e terceira classes” (BRAGA e CAMPOS, 2011, p. 119 -120).

Os estudos em relação aos indígenas na imprensa já ocorrem há décadas. Existe uma vasta percepção por parte dos pesquisadores de que os indígenas comumente são retratados como um símbolo de atraso, inferiores culturalmente. Tal abordagem pela imprensa pode ser percebida tanto nos textos quanto na construção das fotografias e posicionamentos dos jornais. Buscando analisar a abordagem em relação aos indígenas pelo jornal impresso *O Cruzeiro*, Costa (1994) analisa uma reportagem do jornal. Na publicação, os índios são representados como atrasados, envolvidos em uma cultura inferior, obtusos, acorrentados em uma medicina “ultrapassada”. Baseado no trabalho deste autor, outro artigo foi publicado 20 anos depois, analisando quais mudanças ocorreram ao longo das décadas em relação à representação sobre os povos indígenas na imprensa brasileira, mas desta vez, o veículo de comunicação analisado foi a revista *Veja*, e não mais *O Cruzeiro*.

O trabalho de Bonin e Ripoll (2014) indica que as fotorreportagens realizadas pela revista *Veja*, principalmente no ano de 2013, visavam catalogar, assim como antes, o índio como um selvagem, não civilizado, desordeiro, caótico. Uma antítese perfeito para o agronegócio, apresentado como organizado, civilizado, pautado na ordem e no avanço econômico.

As autoras percebem que após 20 anos, a representação dos indígenas por parte dos jornais analisados, não sofreu alterações. As publicações, fotos e textos ainda buscam mostrar o modo de vida “pré-histórico” adotado pelos índios brasileiros, a revista busca criticar fortemente como isto pode ser um fator de risco à própria vida, negando antibióticos e novos métodos de saúde, segundo a reportagem. O título da matéria analisada é “Nosso povo na selva”, já deixando clara a intenção da *Veja* em classificar os índios como selvagens, atrasados culturalmente e não integrados na sociedade. Estas foram às mesmas conclusões feitas por Costa em 1994.

Os índios são tratados como invasores de terra, ladrões com objetivos de atacar a ordem do país, ao mesmo tempo a reportagem diz que eles estão nesta situação (vivendo sua cultura tradicional), pois são obrigados pelo Estado à tal, pois, se dependesse deles, se integrariam na “civilização”.

Pode-se concluir que tais afirmações e preconceitos tornam-se presentes nas notícias referentes aos conflitos agrários e pelas terras tradicionais no estado, pois a população desconhece as origens dos conflitos, assim como as situações sociais dos envolvidos, como também ignora a sua ignorância sobre o assunto, mantendo a continuidade de um discurso de ódio, assim como os interesses econômicos dos envolvidos em um dos lados. Ambos afetam a maneira como a mídia local se refere aos conflitos, colocando em cheque as lutas destes povos, ou argumentando que eles estão equivocados em lutar pelas suas terras tradicionais.

O desconhecimento da população em geral em relação aos conflitos auxilia

na perpetuação de discursos de ódio e preconceito contra os povos indígenas no MS, principalmente quando estes lutam por seus direitos, ou de alguma forma, enfrentam o Status Quo.

O poder da representação nos meios de comunicação de massa, já que o leitor desavisado ou ignorante sobre o tema, acreditará que os índios atrapalham o progresso e que sua cultura tradicional é um mal até a eles mesmo, caso este leitor construir seu pensamento e opiniões através de um jornal que busque transmitir estas ideias.

Os meios de comunicação de massa e seus produtos são fundamentais para a compreensão dos fenômenos urbanos contemporâneos. Não é por acaso que muitos autores enfatizam que vivemos em uma sociedade midiática e estamos portanto imersos em um mar de informações de todos os tipos e provenientes dos mais diversos veículos. (TRAVANCAS, 2008)

Ao estudar o objeto fotográfico Edwards e Hart (2004), argumentam que a fotografia é mais do que um simples objeto, ela também funciona como sujeito, e reflete a cultura em que está inserida. O objeto fotográfico pode ser entendido como um objeto tridimensional, assim como uma imagem que reflete uma realidade, e pode ser interpretada e analisada de diferentes maneiras, conforme a sociedade em que está inserida.

The central rationale of Photographs objects hirtoryies is that a photographs a three-dimensional thing, not only a two-dimensional image. As such, photographs exist materially in the world... as subject to additions to their surfasse or as drawing their meanings from presentation forms such as frames and albums. (2004, p. 01)

A fotografia pode ser vista como uma obra elaborada por um artista, e desta forma, podemos entender que a fotografia pode refletir uma ideia que o fotógrafo buscava transmitir. Coli (2010) aborda que a obra é mais do que o artista, sendo imutável e é agencia por si, transmite conceitos independentemente do autor, "... uma obra de arte condensa um pensamento, e que esse pensamento não é o do artista: é o pensamento da obra. O artista, o criador, é um indivíduo que pensa como cada um de nós, por meio de palavras e de frases. "(2010, p.67)"

Ainda segundo o mesmo autor, a fotografia, sendo um objeto material, desencadeia pensamentos sobre o mundo. Ao desencadear pensamentos e expressar ideias e conceitos, a fotografia, como objeto da materialidade, deixa de ser apenas objeto e passa a ser um sujeito pensante e independente do seu autor.

Graças à materialidade daquilo que são feitos, um quadro, uma escultura, seja o que for, desencadeiam pensamentos sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens...Essa autonomia me faz reiterar que o princípio da obra de arte como pensamento material

e objetivado deixa de ser objeto, torna-se sujeito, sujeito pensante.
(COLI, 2010, P.67)

Em artigos que escrevi recentemente sobre a abordagem da imprensa da região sobre os conflitos agrários e posicionamento midiático sobre o tema, LANDA (2016, 2017), analisei que tanto títulos, construção de textos e fotografias constroem uma representação de que os indígenas são extremamente agressivos e usam de violência como maneira de resolver os conflitos, e a usam como primeiro método.

Os jornais também não focam nas reivindicações dos indígenas, e as notícias dão ênfase principalmente em como suas manifestações atrapalham o status quo. Como exemplo utilizado no artigo de 2016, um protesto que fecha rodovia por causa de falta de água na Reserva Indígena de Dourados. Segundo as lideranças indígenas, a Reserva atualmente possui mais de 15 mil habitantes. Então problemas com a falta de água entre os indígenas em Dourados, podem afetar diretamente uma população que é maior até mesmo do que cidades inteiras de MS. Essa falta de água acontece pela falta de planejamento existente tanto na criação das reservas, quanto em mantê-las e administra-las por parte do poder público.

Comentários

Este tópico tem como principal objetivo investigar como a população se manifesta nas redes sociais e nos jornais *online* que abrem espaço para comentários dos leitores das notícias. Os comentários em tais meios de comunicação são frutos da internet, são uma nova versão das cartas enviadas para jornais impressos, rádios e canais de televisão outrora. O grande diferencial destes comentários é a interatividade. Os comentaristas podem interagir não só com o jornal, mas também com outros usuários que publicam comentários ou os respondem, algo que não havia nos outros meios de comunicação.

Analisando os comentários publicados nos jornais pelos internautas, é possível perceber que não é apenas posicionamento de parlamentar ou dos jornais, parte da população também acredita que os indígenas estão errados em reivindicar seus direitos tradicionais, segundo tal pensamento, quando os indígenas lutam pela regulamentação de suas áreas tradicionais, estariam simplesmente confrontando o sistema e agindo como criminosos. Ao comentar nas notícias, os internautas tendem a se posicionar totalmente contra os povos indígenas, mas não apenas isso, também argumentam que estes passam por tais dificuldades por vontade própria, que merecem tal fato, pois são considerados como atrasadores do progresso econômico da região.

Em artigo anterior LANDA (2017), verifiquei que os internautas ao realizarem os comentários em sites de notícias, tendem a afirmar suas falas apenas quando se

sentem protegidos por um certo nível de anonimato. Por isso, tendem a comentar *logando* no site, e não através de redes sociais, que também é uma ferramenta disponibilizada pelos jornais, visto que isto facilitaria a identificação da pessoa para caso de confronto, seja nos próprios comentários, enfrentando a postagem ou através de processo judicial.



Imagem 01: Comentário de internauta sobre a fala da deputada estadual Mara Caseiro (PSDB) publicado no jornal Caarapó News.

Fonte: Jornal Caarapó News 24/08/2016

Na sessão dos comentários do site da TV Morena, o G1 MS, fica evidente que a população local mostra descaso e não se simpatiza pelos problemas sociais enfrentados pelas populações indígenas que habitam a região.

Nestes comentários fica claro que a população de MS não se solidariza nem apresenta empatia pelos indígenas. São feitas piadas, assim como são publicadas falas sarcásticas sobre o sofrimento destes povos. Até mesmo casos relativos a necessidade básica humana, como falta de cesta básica ou falta de higiene básica sanitária, são vistas como motivo para risada pelos sul-mato-grossenses que se manifestam nos jornais online. O elevado número de *likes* nos comentários, deixa evidente que não só quem fez a postagem, possui aquele pensamento.

No seguinte caso, os comentaristas se escondem sob o escudo da piadall e do humorll para justificarem suas falas racistas. Em um dos relatos há inclusive desmerecimento e preconceito com religiões dos povos indígenas. Novamente há o argumento de que tais populações seriam preguiçosas, usam de argumentos

pejorativos e buscam justificar o porquê destes passarem fome e sofrerem descaso por parte dos órgãos oficiais e do Estado brasileiro.

MENU | **G1** | **MATO GROSSO DO SUL** | **TV MORENA**

Paulo Filho
HÁ 8 MESES
Pq não fazem a dança da chuva??
3 likes | 1 reply

I Amorim
HÁ 8 MESES
tem que dar serviço p/ os indignas
10 likes | 1 reply

Amaral Silva
HÁ 8 MESES
o único problema é que não querem trabalhar, a grande maioria não(podem me criticar mas moro na região e conheço a realidade, fala diferente quem acha que índio anda de cocar na cabeça e brincando de roda, são em sua maioria bebados, desocupados, estupradores dos próprios filhos e dependentes de bolsas do governo) sei doque estou falando.
12 likes | 1 reply

Figura 02 – Notícia publicada pelo portal online do jornal G1 MS em 25/07/2016.

Fonte: G1 MS em 18/03/2017

O UOL é um site jornalístico de âmbito nacional, a notícia seguinte aborda o dia do índio, focando na opinião de lideranças indígenas, como estes percebem a situação de suas comunidades do atual cenário político brasileiro, o que esperam para o futuro, quais suas reivindicações e o que acreditam ser necessário para que consigam alcançar suas metas.

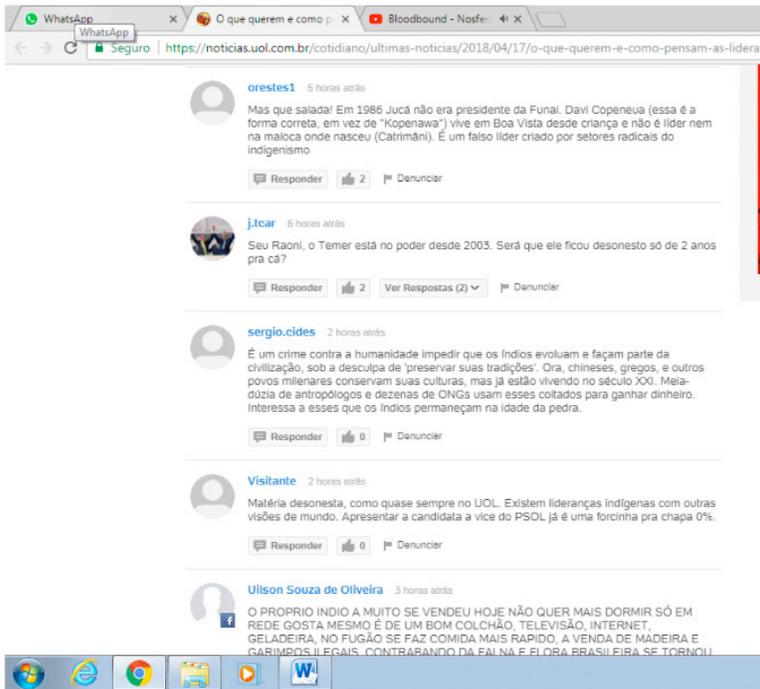


Imagem 03 – Comentários do UOL sobre Dia do Índio:

Fonte: UOL em 19/04/2018

É possível perceber que os comentaristas podem permanecer no anonimato ao realizar suas falas, não é necessário que a pessoa exponha seu nome, nem mesmo uma foto, podendo usar codinomes como visitantell e “j.tcar”, em apenas um dos casos há o logo do *Facebook* ao lado da foto, isso significa que apenas um dos *logins* é vinculado à rede social da pessoa, todos os outros, são *logins* independentes de uma rede social, tornando impossível saber quem realizou a fala, sem uma investigação aprofundada, com obtenção de endereço do protocolo de Internet (IP), etc. Como comparei anteriormente com as percepções de Martins (1995) sobre o linchamento, é possível neste caso presumir que um dos fatores que permitam que os comentaristas da notícia aleguem que o entrevistado seja desonesto, que os indígenas não são fiéis à suas culturas e que o próprio jornal foi desonesto ao mostrar o lado deles ao enfrentar um posicionamento puramente capitalista, é a sensação de que sairão impunes de suas alegações, sabendo ou acreditando que não serão processados por calúnia ou difamação.

Em seu comentário de “sergio.cides” afirma que os povos indígenas são atrasados e vivem como se estivessem na Era da Pedra para bem comum de outros (Segundo ele, antropólogos e ONGs), em sua opinião é um crime contra a

humanidade forçar os povos indígenas a manter sua cultura, alegando que estes deveriam se adaptar à forma de vida ao seu redor, no caso à cultura brasileira e ao capitalismo.

É evidente que as falas são baseadas no senso-comum, sem nenhum estudo prévio sobre o assunto, colocando a opinião pessoal como uma verdade absoluta, já que estes não acreditam ou não concordam com a abordagem da matéria jornalística, que dá o protagonismo do futuro dos povos indígenas a eles mesmos, e não ao Estado brasileiro ou a interesse de terceiros.

Através das notícias e comentários analisados, percebo que as pessoas que comentam nos sites de notícias, se de alguma forma não tem uma ligação com os povos indígenas, como antropólogos e cientistas sociais, por exemplo, a massa de comentários vem de pessoas que se pronunciam totalmente desfavoráveis aos direitos indígenas.

Na fala analisada do usuário “sergio.cides” afirma que, segundo suas palavras, é um crime contra a humanidade impedir que os índios evoluam e façam parte da civilização. De princípio, já podemos alegar uma ignorância em relação à causa, segundo o artigo 3 da Declaração da ONU sobre os direitos dos povos indígenas.

Os povos indígenas têm direito à autodeterminação. Em virtude desse direito determinam livremente sua condição política e buscam livremente seu desenvolvimento econômico, social e cultural. já o artigo 11 da mesma declaração afirma que:

Os povos indígenas têm o direito de praticar e revitalizar suas tradições e costumes culturais. Isso inclui o direito de manter, proteger e desenvolver as manifestações passadas, presentes e futuras de suas culturas, tais como sítios arqueológicos e históricos, utensílios, desenhos, cerimônias, tecnologias, artes visuais e interpretativas e literaturas (Nações Unidas, 2008, p. 07;09).

Deve ser levando em consideração que o cenário agropecuário possui forte influência sobre o pensamento local do estado de Mato Grosso do Sul. Tal pensamento acaba por comodidade se posicionando sempre contra povos indígenas, pois a crença local é de que estes querem roubar a terra dos fazendeiros e prejudicar a economia local, tornando o estado uma terra improdutiva e fechada para o resto do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais fatos indicam que embora o MS seja um dos estados brasileiros que abrigue mais indígenas, também renega sua existência, o exclui cultural e cotidianamente. A imprensa, assim como a opinião pública do estado, são contra

suas manifestações e reivindicações. Referem-se às suas lutas por terras como “invasões”, e suas demandas não são percebidas ou ao menos consideradas como tendo relevância para o contexto regional e local, como a falta de água nunca resolvida totalmente pelo poder público, e que causa tantos transtornos à população atingida.

Acredito que os jornais poderiam modificar as percepções obtidas ao longo da pesquisa, com soluções pouco complexas, mas que poderiam se mostrar eficazes. A meu ver, se dessem uma voz aos indígenas, buscando não apenas ouvir o ponto de vista das populações indígenas, mas pautando notícias também segundo esta ótica, já poderia fazer uma grande diferença, poderia auxiliar para que os leitores dos jornais entendessem como os povos indígenas se posicionam sobre tais conflitos, quais suas buscas, reivindicações e percepções da realidade. Não apenas dando a eles uma pequena fala no final das notícias, como vem acontecendo, mas realmente realizar pautas jornalísticas que busquem explorar, assim como publicar notícias que possam esclarecer questões enfrentadas pelos indígenas. Soluções simples, que acredito, poderiam trazer resultados significativos, pois mostrariam o ponto de vista daqueles que constantemente são silenciados, assim como informariam àqueles que não possuem conhecimento sobre tais populações, sobre as perspectivas do outro.

Acredito que tanto a imprensa *online* local, como a população de MS, tem posicionamentos contra os povos indígenas, menosprezando suas buscas e reivindicações, buscando justificativas para o porquê de os indígenas serem menosprezados pela sociedade, mas justificativas que tiram a culpa do branco, alegando, por exemplo, falas racistas e mitos do senso comum, como “indígenas são todos preguiçosos e alcoólatras”.

A mídia tende a se posicionar alegando que as manifestações organizadas pelos indígenas não são realmente importantes e que na verdade estão é atrapalhando o *status quo* local, perturbando a paz, fechando trânsito e impedindo pessoas de trabalhar, etc. Isto faz com que a população que acessa tais jornais, também tenha estes pensamentos e desta forme se posicione sobre conflitos que envolvem populações indígenas.

REFERÊNCIAS

BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela. “Um olhar que aprisiona o outro...”: **Os povos indígenas em revista, 20 anos depois**. In: Estudos Culturais & Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões. KIRCHOF, Edgar Roberto. WORTMANN, Maria Lúcia. COSTA, Marisa Vorraber. (org). Canoas, RS. Editora da ULBRA. 2015.

BRAGA. Claudomilson; CAMPOS, Pedro Humberto. **Representações sociais**, comunicação e identidade: o indígena na mídia impressa. Revista Comunicação & Informação, v. 16, n. 2, p. 107-122, jul./dez, 2013.

BRAND, Antônio J. **Os complexos caminhos da luta pela terra entre os kaiowá e Guarani no MS**. Tellus, ano 4. N. 6, Campo Grande, 2004. P 137 – 150.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

COLI, Jorge. **Materialidade e imaterialidade**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 34, p. 67-78, 2010.

COSTA, Helouise. **Um olhar que aprisiona outro**: o retrato do índio e o papel do fotojornalismo na revista O Cruzeiro. Imagens, Campinas, n. 2 , p. 82-91, 1994.

EDWARDS, E. & HART, J. **Photographs, Objects, Histories**: on the materiality of images. Londres: Routledge. 2004.

LANDA, Gabriel dos Santos. **Os conflitos indígenas e sua representação através das fotografias nos jornais online de MS**. Anais do I Seminário Internacional Etnologia Guarani: diálogos e contribuições, Dourados/MS, 2016.

LANDA, Gabriel dos Santos. **A abordagem das manifestações sociais dos indígenas da reserva de Dourados, pela imprensa online de Dourados**. Anais da VI Reunião de Antropologia de Mato Grosso do Sul, Dourados/MS, 2017.

LANDA, Gabriel dos Santos. **A abordagem da imprensa online nas manifestações indígenas e os comentários dos internautas sobre o assunto**. Anais do IV Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história, Dourados/MS, 2017.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. **A imagem do índio**: discursos e representações. Dourados: Editora UFGD, 2012.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: Um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1978.

PEREIRA, Levi M. **Mobilidade e processos de territorialização entre os Kaiowá Atuais**. Suplemento Antropológico, Asunción, v. XLII, p. 121-154, 2007.

PEREIRA, Levi M. **Demarcação de terras kaiowa e guarani em MS: ocupação tradicional, reordenamentos organizacionais e gestão territorial**. Tellus, N 10, n. 18, p. 115-137. 2010.

TRAVANCAS, Isabel. **A mídia no foco da antropologia**. Anais 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro/BA, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 67, 76, 77, 82, 87

Amazônia 39, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 102, 112, 231, 258, 259

Antropologia 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 63, 75, 88, 104, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 135, 161, 162, 164, 166, 167, 181, 183, 202, 210, 213, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 247, 256, 259

Assédio 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62

Autoridade 41, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 173, 226

C

Centralidade 43, 145, 164, 170, 179, 211, 214, 218, 219, 220

Comunidades 22, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 45, 65, 71, 76, 77, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 157, 158, 183, 188, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 233

Consumo 33, 98, 99, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 184, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 205

Cotidiano 11, 21, 34, 59, 89, 90, 91, 100, 128, 139, 163, 184, 189, 192, 197, 202, 204, 206, 215, 216, 218, 220, 222, 227, 229, 232, 256

Cuidado 99, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 178, 179, 192

Cultura 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 73, 75, 95, 101, 102, 106, 107, 108, 110, 114, 126, 140, 141, 142, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 207, 208, 209, 210, 211, 218, 221, 222, 223, 224, 226, 228, 231, 236, 247, 258, 259, 260

Cultural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 31, 34, 35, 38, 39, 43, 44, 46, 73, 91, 92, 94, 95, 104, 105, 109, 114, 115, 116, 130, 136, 137, 141, 142, 145, 149, 150, 152, 156, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 181, 184, 187, 188, 193, 207, 208, 213, 218, 226, 233, 234, 236, 248, 253, 258, 259

D

Decisões judiciais 168, 170, 171, 172, 173, 179, 182

Digital 63, 167

E

Economia 4, 11, 73, 75, 83, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 138, 142, 172, 179, 184, 186, 195

Educação 13, 16, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 74, 88, 89, 90,

91, 92, 93, 97, 99, 101, 102, 126, 128, 161, 162, 164, 166, 167, 189, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 213, 221, 263

Epistemologia 1, 2, 23, 108, 114

Escrita 42, 44, 45, 48, 91, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 199

Estigma 204

Estudantes 1, 2, 3, 4, 9, 29, 33, 38, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 101, 222

Etnografia 5, 19, 42, 49, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 222, 223, 224, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 241, 245, 256, 258

Evitação 171, 204

F

Fronteira 76, 77, 81, 84, 87, 88, 143, 145, 215

G

Gestão 26, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 50, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 171, 172

Globalização 117, 119, 123, 125, 128, 218, 219

H

Home care 168, 169, 171, 172, 173, 178, 179

I

Identidade 11, 12, 23, 24, 30, 32, 34, 44, 49, 50, 61, 66, 74, 109, 121, 134, 137, 143, 164, 205, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 229, 234, 244, 248, 253, 259

Imigração 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144

Interatividade 69, 161, 163

Interculturalidade 26, 28, 29, 31

Interlegalidade 40, 50

L

Lei 32, 37, 39, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 79, 83, 102, 119, 138, 143, 171, 175, 177, 200, 201, 248, 260

M

Memória 11, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 190, 195, 198, 215, 220, 221, 241

N

Narrativas 9, 11, 12, 23, 40, 41, 105, 106, 112, 113, 114, 145, 146, 151, 153, 155, 157, 158, 159, 188, 214, 222, 225

O

Origem 16, 46, 48, 59, 64, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 140, 163, 164, 181, 195, 216, 222, 223, 227, 242

P

Povos indígenas 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 63, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 101, 102

Q

Quilombo 44, 46, 47, 211, 213, 214, 217, 220, 221

Quilombolas 40, 44, 46, 47, 49, 83, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220

R

Reinvenção 127, 180, 215, 229, 244, 259

Religião 15, 229, 230, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259

Religiões 70, 229, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 257, 259

Resistência 9, 17, 77, 91, 101, 111, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 259

S

Saberes 1, 2, 13, 22, 23, 24, 29, 31, 37, 38, 93, 94, 108, 116, 183, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 226

Saúde 26, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 67, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 126, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 190, 191, 196, 197, 199, 200, 201, 209

Saúde indígena 26, 30, 36, 37, 39, 89, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 102

Segregação 145

Simulacros 183, 194, 195, 201

Subalternidade 60, 109, 214, 222, 225, 226

T

Tecnologia 12, 63, 120, 161, 162, 193

Terra 35, 43, 48, 63, 64, 67, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 104, 105, 106, 116, 120, 123, 131, 132, 191, 207, 216, 221, 237, 241, 242, 250, 258, 259, 260

Território 34, 43, 44, 64, 65, 88, 89, 92, 101, 130, 132, 138, 145, 165, 220, 223

Tradição 7, 18, 143, 164, 216, 218, 226, 229, 231, 234, 235, 237, 242, 244, 251,

253, 254, 258

U

Universidade 1, 2, 3, 4, 7, 9, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 51, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 129, 130, 143, 144, 161, 179, 182, 183, 201, 203, 204, 211, 221, 222, 229, 230, 259, 260, 263



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020